

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**  
**INSTITUTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS**  
**GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

**IGOR DE OLIVEIRA FOGOLIN**

**CRISE NO CAPITALISMO EM MARX**  
**O que o capital nos diz sobre as perturbações no sistema capitalista**

**UBERLÂNDIA – MG**  
**MAIO 2025**

**IGOR DE OLIVEIRA FOGOLIN**

**CRISE NO CAPITALISMO EM MARX**

**O que o capital nos diz sobre as perturbações no sistema capitalista**

Artigo apresentado ao Instituto de Economia e Relações Internacionais da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Dr. Prof. Filipe Almeida do Prado  
Mendonça

**UBERLÂNDIA - MG**  
**MAIO 2025**

**IGOR DE OLIVEIRA FOGOLIN**

**Crises no capitalismo em Marx: o que o capital nos diz sobre as perturbações no sistema capitalista**

Artigo apresentado ao Instituto de Economia e Relações Internacionais da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

**Banca Examinadora:**

---

**Prof. Dr. Filipe Almeida de Prado Mendonça - Orientador**  
**Instituto de Economia e Relações Internacionais – IERI/UFU**

---

**Prof. Dr. João Fernando Finazzi**  
**Instituto de Economia e Relações Internacionais – IERI/UFU**

---

**Profa. Dra. Débora Figueiredo Mendonça do Prado**  
**Instituto de Economia e Relações Internacionais – IERI/UFU**

Uberlândia (MG), 08 de maio de 2025

## RESUMO

Este estudo reconstrói, a partir de uma revisão exaustiva dos Livros I, II e III de *O Capital*, a lógica marxiana das crises econômicas. Demonstra-se que, mesmo sem formular uma teoria acabada, Marx fornece categorias — lei da queda tendencial da taxa de lucro, composição orgânica do capital, rotação do capital, superprodução e mais-valia relativa/extraordinária — que explicam por que as perturbações são recorrentes e endógenas ao modo de produção capitalista. Sustenta-se que a anarquia da produção, aliada à busca de lucros extraordinários, aprofunda a contradição entre a expansão ilimitada da produção e a restrição do consumo, gerando ciclos de valorização, crise e recomposição. Conclui-se que as crises não são acidentes, mas mecanismos de ajuste violento que reconstituem temporariamente as condições de acumulação, ao preço de desvalorizar capital excedente e socializar perdas sobre a força de trabalho.

**Palavras-chave:** Crises Econômicas; Lei da Queda Tendencial da Taxa de Lucro; Rotação do Capital; Superprodução; Mais-Valia

## ABSTRACT

This study reconstructed the Marxian logic of economic crises based on an exhaustive review of Books I, II and III of Capital. It shows that, even without formulating a complete theory, Marx provides categories—the law of the falling rate of profit, the organic composition of capital, capital turnover, overproduction and relative/extraordinary surplus value—that explain why disturbances are recurrent and endogenous to the capitalist mode of production. It reasons that the anarchy of production, combined with the search for extraordinary profits, deepens the contradiction between the unlimited expansion of production and the restriction of consumption, generating cycles of valorization, crisis and recomposition. Furthermore, it concludes that crises are not accidents, but rather violent adjustment mechanisms that temporarily reconstitute the conditions of accumulation, at the cost of devaluing surplus capital and socializing losses in the labor force.

**Keywords:** Economic Crises; Law of the Falling Rate of Profit; Capital Rotation; Overproduction; Surplus Value

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
1.1	OBJETO.....	7
1.2	METODOLOGIA .....	7
<b>2</b>	<b>RESGATE BIBLIOGRÁFICO DE MARX .....</b>	<b>9</b>
2.1	A LEI COMO TAL .....	9
2.2	A TRANSFORMAÇÃO DO LUCRO EM LUCRO MÉDIO .....	10
2.3	A MAIS-VALIA RELATIVA E MAIS-VALIA EXTRAORDINÁRIA .....	14
2.4	A ROTAÇÃO DO CAPITAL .....	16
<b>3</b>	<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>22</b>
	<b>REFERENCIAS.....</b>	<b>24</b>

# **1 INTRODUÇÃO**

## **1.1 Objeto**

Qual o olhar do marxismo com relação as crises? Apesar das análises de Marx dos fenômenos de crise, ele não deixou pronta uma teoria das crises, porém existem vários elementos dispersos em sua obra, que permitem construir uma lógica de interpretação marxista do fenômeno da crise como algo interior ao modo de produção capitalista e intrínseco a sua lógica e leis de reprodução (CARCANHOLO, 1996).

O fenômeno pode ser representado por esquema cíclico, onde a economia após uma fase de acumulação de capital, entra na crise com uma configuração de superprodução generalizada. A crise se caracteriza pela queda da produção, das taxas de lucro, dos preços e dos salários, com uma alta do desemprego. Ela pode ser detonada por um incidente econômico ou político, como falência de uma grande empresa ou queda de um governo. Na crise, as operações comerciais diminuem significativamente e as mercadorias encontram extrema dificuldade de serem vendidas. Na camada burguesa, pode ser sentida para além da diminuição dos lucros, quebra de algumas empresas, enquanto a camada da classe trabalhadora padece de pauperização das suas condições de vida (CARCANHOLO, 1996) (NETTO e BRAZ, 2006).

Algum tempo depois, as taxas de juros também caem, se atinge a fase da depressão, onde o capital em excesso é desvalorizado. Na depressão o desemprego e os salários mantêm-se no nível do momento anterior e a produção fica estagnada e há uma destruição de valores, mercadorias são estocas, destruídas ou vendidas a preços abaixo do seu valor. A reanimação da economia é garantida pelas novas oportunidades de acumulação, onde o salário está baixo, a taxa de juros ta baixa e o desemprego está alto, oferecendo todo um contingente de pessoas para serem aproveitadas na retomada da economia. Se constitui, portanto, numa nova conjuntura favorável, com crescimento do emprego, salários e preços, com a taxa de lucro se tornando mais atrativa. Isso tudo se transforma em mais capacidade produtiva e novamente voltamos ao início, um cenário fértil para superprodução (CARCANHOLO, 1996) (NETTO e BRAZ, 2006).

## **1.2 Metodologia**

O trabalho é uma revisão bibliográfica, explicitando as categorias que são inegociáveis para a compreensão do fenômeno das crises em Marx. A hipótese deste trabalho é que a anarquia da produção do sistema capitalista de produção gera uma crise, essa que é um momento de

superprodução de valores e essa mesma superprodução cria a necessidade de destruição dos valores como saída para crise.

Para Marx teoria não é reduzida apenas a base de hipóteses que apontam para as causas e efeitos do movimento visível, essa que seria uma visão de tradição positivista. Teoria em Marx é uma modalidade do conhecimento<sup>1</sup>, que se distingue de todas as outras modalidades, pois o conhecimento teórico é o conhecimento do objeto, da sua estrutura e dinâmica, tal como ele é em si mesmo, na sua existência real, sem a interferência do pesquisador. Teoria é a reprodução ideal do movimento real do objeto pelo sujeito que pesquisa. A reprodução ideal seria ter o objeto no mundo das ideias, na cabeça do pesquisador, da forma mais fiel do que o objeto no mundo material. O termo reprodução seria devido ao objeto sempre estar externo ao cérebro do pesquisador e então, a teoria é a reprodução desse objeto na mente. Marx no posfácio da segunda edição do primeiro livro de *O Capital*, traz à tona a diferença de sua dialética, com a dialética de Hegel:

Meu método dialético, em seus fundamentos, não é apenas diferente do método hegeliano, mas exatamente seu oposto. Para Hegel, o processo de pensamento, que ele, sob o nome de Ideia, chega mesmo a transformar num sujeito autônomo, é o demiurgo do processo efetivo, o qual constitui apenas a manifestação externa do primeiro. Para mim, ao contrário, o ideal não é mais do que o material, transposto e traduzido na cabeça do homem (MARX, 2013, p. 116 e 117).

No texto *Introdução*, Marx delimita seu objeto de pesquisa: a produção material, essa que é “indivíduos produzindo em sociedade”. A “produção em geral” é uma abstração pois é um fenômeno comum a todas as épocas históricas, que em qualquer momento da história denota a sociedade como sujeito e a natureza como objeto. É preciso distinguir as determinações que valem para produção em geral, para aquelas que são comuns a determinadas épocas, para manter a historicidade na análise. Por isso, quando se trata de produção, trata-se de produção num grau determinado do desenvolvimento social e das forças produtivas. Consequentemente, Marx define seu objeto de pesquisa como uma determinada forma histórica de produção material: a “produção burguesa moderna” (NETTO, 2009).

---

<sup>1</sup> Existem várias outras modalidades de conhecimento podemos citar a arte, conhecimento popular, conhecimento religioso, conhecimento prático-mental, todavia o conhecimento teórico se diferencia destes outros conhecimentos. (NETTO, 2009)



## 2 RESGATE BIBLIOGRÁFICO DE MARX

### 2.1 A Lei como tal

A acumulação capitalista e a queda tendencial da taxa de lucro são processos complementares que indicam o desenvolvimento das forças produtivas. A queda da taxa de lucro é devido a uma tendência no capitalismo, pois com o desenvolvimento das forças produtivas, a relação entre o capital constante<sup>2</sup> e o capital variável<sup>3</sup> resulta em uma participação maior do capital constante e uma diminuição relativa do capital variável. Isso se traduz na equação da taxa de mais-valia que é a mais-valia<sup>4</sup> (m) sobre o capital variável (v), sendo assim, a equação é:  $(m/v)$ . A equação da taxa de lucro, é parecida com a da taxa de mais-valia, porém se divide a mais-valia pelo capital variável e capital constante (c), resultando na equação:  $(m/v+c)$ . Marx destaca essa condição do sistema, que nos serve de base para desenvolver o assunto:

Com a queda progressiva do capital variável em relação ao capital constante, a produção capitalista gera uma composição orgânica cada vez mais alta do capital total, que tem como consequência imediata o fato de que a taxa da mais-valia, mantendo-se constante e inclusive aumentando o grau de exploração do trabalho, se expressa numa taxa geral de lucro sempre decrescente (MARX, 2017, p. 300)

Assim temos a lei da queda tendencial da taxa de lucro que afirma que o desenvolvimento capitalista se caracteriza pelo desenvolvimento das forças produtivas, ou seja, pelo incremento maior de capital constante em relação ao do capital variável, resultando em uma taxa de lucro progressivamente menor. Destaco que a lei se trata de uma questão relativa, pois ela se foca em olhar para como se compõe o valor, a lei não rege sobre valores absolutos (MARX, 2017).

A relação do capital constante e capital variável dentro de um processo produtivo é a composição do capital, tal composição pode ser considerada em dois sentidos. Primeiro no aspecto material, do modo como funciona o processo produtivo, o capital se divide em meios de produção e força viva de trabalho, neste sentido chamamos de composição técnica do capital essa divisão, cada processo produtivo em determinada conjuntura social produtiva, vai resultar em um nível otimizado de reproduzir o capital. Em segundo, a nível de valor, a determinação da proporção em que o capital vai se repartir em constante e variável, isso podemos chamar de composição orgânica do capital (MARX, 2013).

<sup>2</sup> Valor dos meios de produção e matérias primas (trabalho morto) que serão incorporados no processo de trabalho.

<sup>3</sup> Valor da força de trabalho expresso em salário, valor mínimo necessário para reprodução desta força de trabalho.

<sup>4</sup> Valor extra criado pela força de trabalho para além do mínimo necessário à sua própria reprodução.

Avançando, temos que destacar porque existe a tendência do crescimento da composição orgânica. A produtividade é um dos propulsores da acumulação, essa que é o volume relativo de produção de mercadorias e produtos que uma unidade de trabalho consegue produzir mediante ao meio de produção e matérias primas dadas durante determinado período. Então, ser mais produtivo, significa estar produzindo mais mercadorias e produtos com a mesma quantidade de trabalho posta em movimento. Essa relação representa uma queda da massa de trabalho no processo produtivo de com relação ao uso das máquinas (CARCANHOLO, 1996).

Para o valor unitário existe um limite mínimo, pois ele não pode ser menor ou igual a zero. Esse detalhe impede que o valor unitário esteja em pé de igualdade com o crescimento da massa de meios de produção, pois, o crescimento do capital constante não tem um limite máximo<sup>5</sup>. Então embora a redução de valor possa ser mais rápida que o crescimento do volume dos meios de produção, a redução tem um teto limite, enquanto o crescimento não. (CARCANHOLO, 1996).

Vale destacar um ponto com relação a lei da queda tendencial da taxa de lucro, por mais que toda essa conjectura do modo de produção capitalista, com suas irracionalidades e contradições, produza essa tendência da queda tendencial da taxa de lucro, ainda existem contratendências. Marx descreve essas contratendências que não tem força suficiente para deter a queda da taxa de lucro no longo prazo, mas agem de maneira a suavizar essa queda. Com isso, o grande objetivo é tentar explicar por que essa queda não é maior ou mais rápida (MARX, 2017).

Marx reconhece a existência das contratendências, mas não vê possibilidade desses fatores invalidarem a lei da queda tendencial da taxa de lucro, visto que as contratendências, mesmo se forem levadas as últimas consequências, não tem a capacidade de invalidar a ampliação da composição orgânica do capital. Isso não impede de que, em determinados momentos, essas contratendências superem a tendência de queda e se tenha um aumento momentâneo da taxa de lucro (CARCANHOLO, 1996).

## 2.2 A Transformação do Lucro em Lucro Médio

Marx dedica uma Seção no último volume de *O'Capital* para falar da transformação do lucro em lucro médio, em primeiro lugar, fica claro que a diferente composição orgânica dos capitais é independente de sua grandeza absoluta, o importante é quanto de cada 100 partes de

---

<sup>5</sup> A questão do crescimento do capital constante pode ser expandida, na realidade não é possível saber se algum dia haverá um limite para o crescimento devido à escassez de recursos ou de alterações nas condições de reprodução da vida. Neste momento histórico atual, dado os níveis de desenvolvimento tecnológico e das forças produtivas, não é possível vislumbrar um limite do crescimento do capital constante em breve.

um capital é dedicado ao capital constante e quanto é dedicado ao capital variável. Por isso capitais de diferentes composições, rendem, com uma jornada de trabalho igual e mesmo grau de exploração do trabalho, quantidades diferentes de lucro, pois conforme a composição orgânica é diferente nas diversas esferas do capital, a parte variável desses capitais é distinta, portanto, é distinta a quantidade de trabalho vivo mobilizado, resultando em diferentes quantidades de mais-valia. A mesma quantidade de capital em diferentes esferas de variadas composições, geram mais-valias diferentes, pois a fonte do mais-valia é o trabalho vivo (MARX, 2017).

Trazendo a definição de Carcanholo, o valor individual de uma mercadoria está ligado ao tempo de trabalho socialmente necessário para ser produzida naquela determinada empresa. Dado que as condições de produção entre as empresas que produzem são variadas, o valor individual também será variado. A produtividade entra como um fator determinante para esse valor individual, visto que uma empresa de maior produtividade, é uma empresa que consegue produzir dada mercadoria em menor tempo de trabalho, resultando em uma mercadoria com um patamar menor de valor, ou seja, menos tempo de trabalho na mercadoria, é igual a menos trabalho objetivado na mercadoria, resultando em um menor valor individual (CARCANHOLO, 1996).

Em diferentes setores da produção, existem diferentes composições orgânicas do capital, ou seja, essas várias esferas do capital produzem uma taxa de lucro diferente uma das outras, fazendo com que as mercadorias tenham valores individuais diversos, porém esses produtos ao chegar no mercado não são vendidos por seus valores individuais. Os preços vão ser formados extraindo uma taxa média de lucro das diferentes esferas da produção, ou seja, alguns capitais geram mais lucro, outros menos lucro e então se calcula a média de lucro desses capitais.

Para poder existir então o preço de produção, é pressuposto que exista uma taxa geral de lucro, essa que por sua vez, necessita que as taxas de lucro exercidas isoladamente em cada esfera da produção se encontrem reduzidas a um número igual de taxas médias. Portanto o preço de produção de uma mercadoria equivale ao seu preço de custo acrescido de um percentual que corresponde ao lucro, esse percentual equivale a taxa de lucro média (MARX, 2017)

Os capitalistas das diferentes esferas da produção na venda de suas mercadorias resgatam os valores consumidos na produção destas mercadorias, porém, dado a questão do lucro médio, os capitalistas não resgatam o lucro que eles produzem, mas sim, o lucro que corresponde a sua parte de capital total investido por meio da distribuição uniforme do lucro total produzido em determinada quantidade de tempo no conjunto de todas as esferas da produção. Isso quer dizer que, por exemplo, a cada 100 de capital investido, o capitalista extrai desses 100 apenas o que

corresponde ao lucro de 100 de capital investido, independente da composição deste capital, logo, todo 100 de capital investido vai retirar um número  $x$  de lucro que vai ser a regra para todo capitalista. Portanto, podemos até destacar que Marx define os vários capitalistas como meros acionistas do capital, no qual os dividendos se repartem igualmente, no sentido que de apenas o capital investido vai diferenciar cada um, e esse capital investido sendo a “quantidade de ações” do capitalista (MARX, 2017).

Por conseguinte, enquanto a parte desse preço das mercadorias que repõe as parcelas de valor do capital consumidas em sua produção e com as quais, portanto, esses valores consumidos do capital devem ser readquiridos; enquanto essa parte, ou seja, o preço de custo, depende inteiramente do desembolso realizado no interior das respectivas esferas da produção, o outro componente do preço da mercadoria, o lucro agregado a esse preço de custo, não depende da massa de lucro produzida por esse capital determinado, nessa esfera determinada da produção e durante um tempo determinado, mas da massa de lucro que corresponde a cada capital empregado como alíquota do capital social total empregado na produção total, em média, durante certo intervalo de tempo (MARX, 2017, p. 229).

A taxa média de lucro é determinada por dois fatores. O primeiro é a composição orgânica do capital nas diferentes esferas da produção, essas que por si só geram diversas taxas de lucro diferentes. O segundo fator é a distribuição do capital social total nessas diferentes esferas, ou seja, a grandeza relativa de cada capital investido em sua totalidade nas diversas esferas do capital, sendo cada esfera composta por uma taxa diferente, o peso desta taxa de lucro de cada esfera no cálculo total da taxa média de lucro será distinto devido a essa diferença de capital investido (MARX, 2017).

Uma parte das esferas da produção tem como característica uma composição correspondente a composição do capital médio da sociedade, ou seja, uma composição dentro da média da sociedade. Portanto, o preço de produção dessas esferas corresponde aproximadamente com seu valor expresso em dinheiro, pois a concorrência divide o capital nas diversas esferas da produção de modo que preço de produção segue o padrão dos preços de produção vigente nas esferas de composição média, isso significa dizer que o preço de produção é preço de custo mais a taxa média de lucro (MARX, 2017).

Temos então a seguinte situação, os capitalistas de uma esfera, cada um produz mercadorias com diferentes valores individuais e por meio da concorrência entre esses capitalistas é possível a criação de um valor de mercado e um preço de mercado partindo dos diversos valores individuais dessas mercadorias. É a concorrência dos capitais nas várias esferas da produção que fixa o preço de produção, equalizando as taxas de lucro (MARX, 2017).

Para que o preço de mercado corresponda ao valor de mercado, é necessário que a pressão concorrencial faça os vendedores produzir mercadorias o suficiente para satisfazer as necessidades sociais, isto é, a quantidade pela qual a sociedade pode pagar o valor de mercado. Se for uma quantidade de mercadorias maior, excedendo a necessidade da sociedade, as mercadorias vão ser vendidas abaixo do valor de mercado. No caso contrário, tendo uma quantidade menor dessa mercadoria, ela vai ser vendida acima do seu valor de mercado. Oferta e a demanda, dentro de suas flutuações, regulam então os desvios do preço de mercado com relação ao valor de mercado (MARX, 2017).

Vamos pensar que nos diversos ramos da produção, tenha uma determinada quantidade de mercadorias reproduzidas e essas mercadorias têm um valor de mercado determinado. Temos que considerar que essas mercadorias não são valores de uso produzidos para atender as necessidades humanas, a produção não é pensada em suprir necessidades, mas sim em continuar a reprodução do capital. Para a quantidade de mercadorias e o valor de mercado de tal mercadoria, existe apenas uma relação, partindo de uma base dada de produtividade, determinada quantidade de mercadoria requer, em cada uma das esferas da produção, uma determinada quantidade de tempo social de trabalho, embora essa relação varie de mercadoria em mercadorias na diversas esferas da reprodução e não guarde ligação com a utilidade da mercadoria, ou sendo mais específico, com a forma de expressão de seus valores de uso (MARX, 2017).

Ocorre que o capital é retirado da esfera de menor taxa de lucro e emigra para um onde existe maior taxa de lucro, mediante a essa distribuição entre as diversas esferas, conforme em uma delas o lucro diminua e, em outra, aumente, se estabelece uma relação na espécie de oferta e demanda na qual o lucro médio nas diversas esferas se torna o mesmo, e então os valores se transformam em preços de produção. Essa equalização se realiza num grau maior ou menor para dado desenvolvimento do modo de produção capitalista em determinado país ou região, no qual é desenvolvida pressupostos sociais necessários para que as leis do capital se exerçam com maior fluidez (MARX, 2017).

O capital de cada esfera tem o mesmo interesse na produtividade do trabalho social empregado, pois dessa produtividade depende duas coisas. Uma delas é a quantidade de valores de uso que se expressa o lucro médio, na medida em que esse lucro médio é tanto acumulação de capital como renda para usufruto. A outra é o nível do capital total adiantado que com uma grandeza dada de mais-valia, determina a taxa de lucro ou lucro para certa quantidade de capital. A produtividade particular de determinada esfera da produção interessa apenas aos capitalistas que dessa esfera participam, na medida em que possibilita dentro dessa esfera a obtenção do

lucro extraordinário com relação as outras esferas, ou seja, ao capital total, como também ao capitalista individualmente um lucro extraordinário com relação a sua esfera (MARX, 2017).

### 2.3 A Mais-Valia Relativa e Mais-Valia Extraordinária

Portanto, respondendo a questão de porque existe uma motivação para os capitalistas correrem atrás de uma maior produtividade (isso que irá implicar na tendencia a queda da taxa de lucro), durante o assunto da equalização da taxa de lucro, se evidenciou a questão da busca por uma mais-valia extra, essa é a mais-valia extraordinária, que é a grande motivadora dos capitalistas seguirem com novos incrementos ao capital constante de sua produção. Para Marcelo Carcanholo, esta é a racionalidade microeconômica da busca de uma maior produtividade. Todavia esse mecanismo microeconômico, gera efeitos negativos para os capitalistas em termos macroeconômicos, pois com a concorrência, todos os capitalistas estão a buscar esse superlucro ao mesmo tempo, correndo atrás de uma maior produtividade, e com isso, o valor de mercado cai, pois é uma média de todas as empresas. Com o valor de mercado, cai também a taxa média de lucro, assim sendo, a lógica do universo microeconômico, gera um efeito no macroeconômico de tendencia de queda da taxa de lucro. Carcanholo destaca sobre isso:

Pode-se pensar que a taxa média de lucro é um conceito puramente teórico, mas ele é respaldado pelo que acontece na realidade concreta. Quando uma empresa forma o preço do seu produto, ela o faz de acordo com uma regra muito clara. Contabilizam-se os custos de produção e, sobre eles, aplica-se uma margem de lucro, definindo o lucro que o empresário deseja receber. Obviamente que esta margem de lucro poderia ser tão alta quanto quisesse o empresário, se dependesse apenas de sua vontade. No entanto, se ele estabelecer uma margem muito alta, o seu produto corre o risco de não encontrar compradores, pois outras empresas podem estar oferecendo o mesmo produto com uma margem menor e, portanto, com um preço mais baixo. Em outras palavras, a margem de lucro, que é acrescentada aos custos, não é autônoma; ela depende da concorrência entre os capitais. Esta margem de lucro, definida pela concorrência, e aplicada aos custos, é justamente a taxa média de lucro analisada por Marx (CARCANHOLO, 1996, p. 30)

Primeiro, temos que iluminar outra categoria que Marx trabalha na sua principal obra, a mais-valia relativa. Uma das bases para o entendimento do modo de produção capitalista, a mais-valia é o valor extra produzido pelo trabalhador para além do que seria necessário para apenas reproduzir sua própria força de trabalho, ou seja, o valor extra que ele produz além de seu próprio salário. Com o contrato firmado entre patrão e proletário para a utilização da força de trabalho deste último, o patrão tem caminhos para que o tempo de trabalho desse trabalhador seja cada vez mais destinado a produção de mais-valia.

A mais-valia relativa é o ganho de mais-valia que se tem ao diminuir as horas de trabalho pago em relação as horas não pagas dentro de uma jornada já determinada, ou seja, se determinado patrão contratou seus trabalhadores para uma jornada de 12 horas, e dentro dessas horas a relação é de 10 horas pagas e 2 horas produzindo mais-valia, essa é a mais-valia relativa que se conquista tornando as horas pagas em horas produzindo mais-valia, por exemplo, transformando a relação dentro dessas 12 horas em 9 horas pagas e 3 horas produzindo mais-valia. Perceba que, com esse ganho de mais-valia relativa, a taxa de mais-valia aumenta, agora o trabalhador produz maior mais-valia na mesma quantidade de tempo (MARX, 2013).

A mais-valia extraordinária é algo passageiro, que perdura durante o tempo o qual determinada empresa tenha uma tecnologia ainda não difundida para todos dentro do setor do mercado a qual ela concorre, no qual a necessidade de concorrência e sobrevivência dos capitais fazem com que essa vantagem se dissolva com o decorrer do tempo, porém, a mais-valia relativa conquistada pelo capitalista durante um período de inovação tecnológica ou descoberta de processos e organizações mais produtivas se mantém (MARX, 2013).

O salário é baseado nos valores das mercadorias necessárias para a reprodução da força de trabalho, se então, alguma mercadoria que é necessária para o trabalhador tem uma inovação que aumente a produtividade, então o cálculo para o salário de um trabalhador resulta em um salário menor (MARX, 2013).

Cabe então detalhar os efeitos da elevação da mais-valia relativa, advinda, portanto, do aumento de produtividade. Quando há um aumento de produtividade, o valor das mercadorias produzidas abaixa, vamos a um exemplo: temos uma fábrica que produz 10 cadeiras em um tempo de 10 horas, sendo 8 horas de trabalho para reprodução e 2 horas de mais trabalho, vendidos a 10 reais cada, portanto gerando um valor total de 100 reais ao final de uma jornada de trabalho e tendo a composição do valor da cadeira em 5 reais de capital constante e 5 reais do valor produzido pela jornada de trabalho, portanto 50 reais de matéria prima e 50 reais de massa de trabalho. Como 1 hora da jornada produz 5 reais, o salário fica em 40 reais pelas 8 horas de trabalho para reprodução e sobram 10 reais de mais-valia produzido. Dada inovação tecnológica faz com que a produção dobre, ou seja, agora é produzida 20 cadeiras nas 10 horas de jornada de trabalho. Todavia isso irá alterar o valor, antes cada cadeira absorvia 5 reais de valor produzidos pelo trabalho, agora, cada cadeira absorve 2,5 reais de valor, assim as cadeiras têm o novo valor de 7,5 reais, 5 reais dos meios de produção e 2,5 do valor do trabalho absorvido. A conclusão é que se antes a jornada de trabalho movimentava uma massa total de 100 reais, agora, o valor total é de 20 multiplicado por 7,5 reais totalizando 150 reais.

Contudo existe um agravante para nos aprofundarmos nessa questão, como destaca Marx sobre a diminuição deste valor:

O valor individual dessa mercadoria se encontra, agora, abaixo de seu valor social, isto é, ela custa menos tempo de trabalho do que a grande quantidade do mesmo artigo produzida em condições sociais médias (...) o valor efetivo de uma mercadoria não é seu valor individual, mas seu valor social, isto é, ele não é medido pelo tempo de trabalho que ela de fato custa ao produtor em cada caso singular, mas pelo tempo de trabalho socialmente requerido para sua produção (MARX, 2013, pág. 407)

Ou seja, voltamos as questões já comentadas quando falamos da mais-valia extraordinária, as mercadorias são vendidas pelo valor social, o valor referente ao tempo de trabalho socialmente requerido para ser produzido, portanto esse valor de 7,5 reais será maior. Porém, com uma maior produção, é necessária uma maior demanda, visto que o produto dobrou de produção, o mercado não irá absorver caso seja vendido pelo mesmo valor social anterior, então, a decisão tomada é vender por um valor abaixo do valor social de 10 reais, mas também acima de seu valor individual, que é de 7,5 reais. Portanto, aqui mora uma das razões para que cada vez que haja um incremento na produção (MARX, 2013).

Podemos considerar esse valor determinado pelo dono da fábrica, a título de exemplo, como 8,5 reais, portanto, obtendo uma mais-valia de 1 real. A relação de outrora, sustentada por 8 horas de trabalho para reprodução e 2 horas de mais trabalho se transforma, após o incremento da produção, em 5 horas e 42 minutos de trabalho para reprodução e 4 horas e 18 minutos.

As inovações tecnológicas nunca vêm para facilitar a vida do trabalhador, dentro do capitalismo, nunca a classe oprimida terá um relaxamento das horas de trabalho devido a uma máquina que esteja produzindo mais, que seja múltiplas vezes mais produtiva, isso apenas se reverte em uma maior exploração do trabalhador (MARX, 2013)

## 2.4 A Rotação do Capital

O movimento do capital se dá através da esfera da produção e da esfera da circulação. Somando o tempo na esfera de produção com o tempo na esfera de circulação temos o ciclo completo do capital. O tempo de produção inclui o processo de trabalho, mas não só ele, uma parte do capital constante está corporificado no capital fixo, ou seja, nas máquinas, nos edifícios, dos quais mesmo que o processo produtivo se interrompa, ainda sim permanecem nos locais de produção (MARX, 2014)



Na esfera da circulação, o capital está tanto na forma dinheiro como na forma mercadoria, seu objetivo, a realização da **mais-valia**, depende tanto da metamorfose do dinheiro em mercadoria, como também da mercadoria em dinheiro. Podemos considerar a circulação uma das travas para a valorização cada vez maior e incessante do capital, ou seja, a valorização estará congelada pelo tempo que durar a fase da circulação e o capitalista estará disposto a encurtar o tempo na esfera da circulação para o menor possível (MARX, 2014).

No núcleo da esfera da circulação, o capital necessita concluir duas fases contrárias, a compra e a venda, mercadoria em dinheiro (M-D) e dinheiro em mercadoria (D-M). Na forma dinheiro, o valor pode ser convertido em qualquer outro valor, a mais alta liquidez, portanto pode com facilidade se transformar em qualquer mercadoria, todavia, na sua forma de mercadoria é onde há a maior dificuldade para sua metamorfose, se transformar em dinheiro.

Esse processo (a troca) gera uma duplicação da mercadoria em mercadoria e dinheiro, uma antítese externa, na qual elas expressam sua antítese imanente entre valor de uso e valor. Nessa antítese, as mercadorias, como valores de uso, confrontam-se com o dinheiro, como valor de troca. Por outro lado, ambos os polos da antítese são mercadorias, portanto, unidades de valor de uso e valor. Mas essa unidade de diferentes se expressa em cada um dos polos de modo inverso e, com isso, expressa, ao mesmo tempo, sua relação recíproca. A mercadoria é realmente valor de uso; seu valor se manifesta apenas idealmente no preço, que a reporta ao ouro, situado no polo oposto, como sua figura de valor real. Inversamente, o material do ouro vale apenas como materialidade de valor, dinheiro. Ele é, por isso realmente valor de troca (MARX, 2013, p. 210-211)

Mesmo sendo dois lados de uma mesma moeda, a compra e a venda têm que lidar com materialidades diferentes uma da outra, uma expressando os valores, sendo valor de troca com potenciais valores de uso, enquanto o outro lado tem um valor de uso específico que manifesta seu valor quantitativo quando reportado ao dinheiro. Não é devido ao dinheiro que as mercadorias se tornam quantitativamente calculáveis, é na verdade, porque o valor advém do trabalho objetivado, algo que é comum a todas as mercadorias e esse algo em comum é que permite que o valor seja medido em uma outra mercadoria específica que se torna a medida conjunta de todas as outras mercadorias, no caso, o dinheiro. Ignorando os diversos fatores que se projetam para determinar o preço de uma mercadoria, o ponto imperativo da questão é que a venda da mercadoria é onde está o grande risco, ou como diz Marx, este é o momento do “salto mortal” da mercadoria.

A antítese, imanente à mercadoria, entre valor de uso e valor, na forma do trabalho privado que ao mesmo tempo tem de se expressar como trabalho imediatamente social, do trabalho particular e concreto que ao mesmo tempo é tomado apenas como trabalho

geral abstrato, da personificação das coisas e coisificação das pessoas – essa contradição imanente adquire nas antíteses da metamorfose da mercadoria suas formas desenvolvidas de movimento. Por isso, tais formas implicam a possibilidade de crises, mas não mais que sua possibilidade (MARX, 2013, p. 220-221)

A possibilidade da crise aparece com a compra e a venda, na condição do dinheiro como mediador desta troca, pois neste estágio, o dinheiro sendo equivalente universal extirpa das mercadorias o seu valor, agora dinheiro representa o valor enquanto as mercadorias representam o seu valor de troca. Isso coloca quem possui o dinheiro em uma situação de ter que novamente transformar o dinheiro em uma mercadoria que é útil, que tenha valor de uso, ou seja, ele se mantém na esfera da circulação até realizar novamente a troca desse valor para então completar o ciclo da compra e venda (RIBEIRO, 1988)

Portanto temos a dissociação no tempo e no espaço da compra e da venda, o dinheiro possibilita a compra e a venda estarem separadas no tempo. A sequência de transformação Mercadoria – Dinheiro – Mercadoria (M-D-M), deve ser vista como uma corrente de várias dessas sequências em uma rede infinita de movimentos dos quais essas sequências se iniciam e terminam infinitamente em diferentes pontos. Tal condição permite que cada venda e compra individualmente consiga se situar como uma transação isolada e independente, cuja transação seguinte não precisa se seguir imediatamente, mas pode ser separada temporalmente e espacialmente. A condição da compra e a venda estarem separadas no espaço e no tempo, cria a possibilidade de crise, pois coloca em xeque a realização da mercadoria (HARVEY, 2013).

O ciclo do capital, este é o fenômeno isolado, o nome dado a todo o percurso do capital quando olhamos de maneira isolada, no entanto, esse ciclo dentro do modo de produção é um processo periódico, e quando estamos analisando considerando essa periodicidade, se dá o nome de rotações, essa portanto é calculado pelo seu tempo produção somado ao seu tempo de curso (MARX, 2014).

Durante as rotações, diferentes capitais, que cumprem funções específicas no processo produtivo, compõem o valor e dão forma ao modo de produção de determinada mercadoria. Os capitais podem ser classificados segundo o modo como transferem valor, a saber, o capital constante é responsável por ter seu valor transferido a mercadoria, enquanto o capital variável, que é pagamento de salários, é o que permite o surgimento do valor excedente. Os capitais também podem ser classificados de acordo com o modo como transferem valor para o produto, sendo denominados de capital fixo e capital circulante (ALMEIDA e RIBEIRO, 2015).

Considerando que um ano é igual a 50 semanas, tomemos dois capitais, que chamaremos de capital A e capital B, o capital A é de 500 libras adiantados para um prazo de 5 semanas, e

que, portanto, irá rotacionar 10 vezes durante 1 ano, o capital B é dez vezes maior, são 5.000 libras que irão rotacionar apenas uma vez durante o ano, ou seja, 5.000 libras que rotacionam ao final de 50 semanas. Ao final do ano, se considerarmos a taxa de mais-valia, ou melhor, a taxa de valorização do capital como 100%, ambos os capitais irão ter gerado uma massa de mais-valia igual a 5.000 libras, pois o capital A rotaciona 10 vezes as 500 libras adiantadas e, portanto, são 500 libras de mais-valia a cada rotação, então  $500 \times 10 = 5.000$ , enquanto o capital B rotaciona uma vez as 5.000 libras adiantadas, e consequentemente gerando as 5.000 libras de mais-valia (MARX, 2014) (COGGIOLA, 2014).

Precisamos considerar outra fórmula utilizada por Marx, a taxa anual do mais-valia, que é proporção entre a massa total de mais-valor produzida durante o ano e a soma de valor do capital variável adiantado. Ela é semelhante a taxa de mais-valia, porém produzida durante um período de rotação pelo capital variável adiantado e multiplicado pelo número de rotações. Considerando o exemplo do capital A, temos 5.000 libras de mais-valia ao fim do ano pelas 500 libras de capital adiantado, portanto a taxa anual de mais-valia será de 1.000%. Todavia se olharmos para o capital B, temos um resultado diferente, são 5.000 libras adiantadas que geram 5.000 libras de mais-valia, pois tem apenas uma rotação durante o ano, portanto a taxa anual de mais-valia será de 100%. Marx nos leva a indagação de tal fato, por que capitais em situações tão semelhantes teriam uma diferença desta magnitude? (MARX, 2014) (COGGIOLA, 2014).

Marx neste momento coloca nítido as similaridades de condições de ambos os capitais, porém, porque a taxa anual de mais-valia seria muito mais alta para o capital A do que para o capital B? Para ele este é um fenômeno que afeta a taxa de mais-valia, pois esta não dependeria apenas do grau de exploração da força de trabalho, mas também do número de rotações que um capital faz durante determinado período (MARX, 2014).

Colocando os ambos os capitais em prática observamos que ambos gastam 100 libras por semana, 500 libras a cada 5 semanas, todavia a diferença é que o capital B ainda tem 4.500 libras não gastas após essas 5 semanas. Esses 4.500 adiantados enquanto não estiverem sendo utilizados dentro das esferas de produção do capital, é como se ele não existisse, é um volume pesado de capital que durante um longo período não terá influência nenhuma para construção da mais-valia. Portanto o capital variável adiantado só funciona como capital variável quando está na produção e não quando está na reserva (MARX, 2014).

As circunstâncias que permitem com que determinados capitais sejam repostos em distintos períodos, ou seja, as próprias rotações desses capitais, não são fatores que afetam a produção do mais-valia. Porém as circunstâncias das determinações de reposição do capital

modificam a grandeza do capital que deve ser adiantado para que a operação consiga pôr em movimento determinada massa de trabalho e desse modo determinar sua taxa anual de mais-valia (MARX, 2014).

Voltando aos capitais A e B, ambos se utilizam da força de trabalho para produzir a mais-valia, portanto temos 100 libras gastas semanalmente para pagar seus trabalhadores. Temos que considerar então que a força de trabalho desses proletários está apropriada pelos capitais A e B, logo, não podem ser utilizadas em nenhum outro setor da sociedade enquanto estão no processo produtivo de ambos. Esses trabalhadores para se manterem em estado plena função e reprodução social irão retirar da sociedade os meios de subsistência, ou seja, irão gastar os seus salários comprando outras mercadorias que satisfaçam a manutenção da sua reprodução. Dado essas informações, vamos as diferenças dos capitais A e B olhando deste ângulo. O trabalhador que está na esfera de produção do capital A, a partir da segunda semana de trabalho, é pago, nas palavras de Marx com: “a forma dinheiro de *seu próprio produto de valor*” (MARX, 2014, p. 456). Tal valor é o preço da força de trabalho acrescida da mais-valia, pois a partir da segunda semana, o dinheiro que é usado para pagar essa força de trabalho, é aquele que refluíu da esfera da circulação junto com a mais-valia. A situação do trabalhador que está na esfera de produção do capital B, é diferente, este não é pago com o produto de seu trabalho transformado em dinheiro, pois a rotação de seu processo produtivo demora 1 ano para ocorrer (MARX, 2014).

Vamos considerar os trabalhadores recebem o salário em 5 semanas, no caso do trabalhador A, ele faz compra de determinada mercadoria com seu dinheiro e retira essa mercadoria da esfera da circulação e como seu salário é pago com seu próprio produto de valor, este trabalhador também tem a base material de seu trabalho alocada em algum lugar dos mercados, ou seja, ele repõe a mercadoria que ele retirou com um equivalente de seu trabalho. Já o trabalhador B, também estará nos mercados em busca de produtos para sua subsistência, porém, diferente de A, ele não coloca nada no lugar além do dinheiro usado para a compra da mercadoria, desta forma, esse trabalhador não repõe na sociedade um equivalente do produto social retirado. No mercado é retirado tudo que é necessário para que exista o processo produtivo do capital B e um equivalente em dinheiro é repostado no seu lugar, porém durante 1 ano, nenhum produto é lançado para repor todos esses elementos utilizados. Esse é um dos pontos chaves que nos permitem indicar a possibilidade de crise baseada na irracionalidade da produção capitalista, pois toda a esfera produtiva em B pode retirar da sociedade mais do que ela mesma é capaz de repor como reserva para tal (MARX, 2014) (COGGIOLA, 2014).

Quanto mais curto é o período de rotação do capital (...) tanto mais rapidamente sua parte variável, inicialmente adiantada pelo capitalista em forma-dinheiro, converte-se em forma dinheiro do produto de valor (que, além disso, inclui mais-valor) criado pelo trabalhador para a reposição desse capital variável; tanto mais curto, portanto, o tempo para o qual o capitalista tem de adiantar dinheiro de seu próprio fundo, e tanto menor, em proporção à escala da produção, o capital que ele adianta em geral (MARX, 2014, p. 456).

Assim existe um efeito dominó que ocorre na busca por um tempo menor de rotação do capital, pois um menor tempo é igual a um maior número de refluxo do capital, como também um tempo menor necessário para adiantar um capital. Logo esse capital adiantado será também de um valor menor, já que o tempo adiantado é menor (MARX, 2014).

Dado que a situação é causada pela anarquia da produção capitalista, o cenário se resume a sociedade precisar calcular de forma antecipada quanto de trabalho, meios de produção e meios de subsistência ela poderia aplicar em esferas produtivas que demandam um ciclo produtivo elevado, de um ano ou mais, como obras de infraestrutura, e que durante esse tempo não iriam produzir efeito útil para sociedade. No capitalismo, todo esse cálculo é feito *post festum*, ou seja, é feito de forma posterior ao acontecimento, apenas após tal ciclo produtivo ser concluído que surge a possibilidade de ser observado de forma racional os custos socialmente considerados. Por essa razão podem e devem ocorrer perturbações das mais variadas magnitudes. Processos produtivos de rotação lenta demandam muito da sociedade, retiram do produto social sem devolver nada em troca durante um grande tempo, portanto em uma sociedade que existam muitos desses processos ocorrendo ao mesmo tempo, pressionam o capital produtivo presente na sociedade, visto que diferentes partes desse capital produtivo irão ser retirados da sociedade constantemente com apenas um equivalente monetário sendo entregue de volta. Por fim o resultado é um aumento dos preços, dado que essa conjuntura produz uma alta da demanda por produtos tanto de subsistência quanto dos elementos dos diversos processos produtivos (MARX, 2014), (COGGIOLA, 2014).

A alta geral dos preços afeta os trabalhadores, reduz os seus salários de forma relativa, seu poder de compra já não será mais o mesmo, as perturbações que se gestam nas contradições imanentes da produção capitalista aparece de forma visível na pauperização da vida do trabalhador e na deterioração do valor da força de trabalho (COGGIOLA, 2014).

### 3 CONCLUSÃO

Com as categorias apresentadas durante o trabalho podemos afirmar que as crises surgem por causa das contradições presentes no próprio sistema capitalista, são diversos os pontos do sistema que vive sob constante ação de força tendenciais contraditórias, das quais as mais relevantes foram apresentadas, como a lei da queda tendencial da taxa de lucro, a anarquia da produção capitalista, a contradição da tomada de decisão dos capitalistas (tomam ação em benefício próprio mas essa ação não é benéfica para manutenção do sistema), a contradição entre produção e consumo, etc. E o momento da crise é o momento do qual floresce toda a contradição do sistema, de modo que apenas o choque violento pode retomar o sistema as condições necessárias para uma nova acumulação.

A crise eclode porque a produção de valor e a realização do valor são dois opostos de uma mesma unidade, mais precisamente os dois polos: produção e realização, tendo em vista que as condições de produção existem com suas próprias contradições e as condições de realização do valor também existe dentro de contradições. A acumulação de capital depende desses dois momentos, da produção e da realização do valor que são uma unidade em si, um processo, um movimento único, porém que são contrários, pois não é garantido que o valor produzido, será realizado. Produção e consumo tem uma relação íntima, os dois tem identidade imediata, para produzir é necessário que haja um consumo de matérias primas, força de trabalho e instrumentos de trabalho, e para consumir é necessário também uma produção simultânea. Eles também são meio um do outro, a produção define como será o consumo e o consumo é a razão da produção. Mas também ambos se realizam na medida que o outro é realizado, isso significa dizer que a produção so se realiza como tal na medida que o produto é consumido, enquanto o consumo que é capaz de fazer um produtor ser produtor. Todavia esse caminho da realização por vezes encontra barreiras, o salto mortal dado pela mercadoria nem sempre vai encontrar um piso, por vezes, o salto é queda livre.

Esse modo de produção tem como tendência a expansão contínua e ilimitada, com o valor tendo que se transformar em um valor ainda maior cada vez que se inicia um novo ciclo, o mesmo modo de produção que gera um desenvolvimento acelerado das forças produtivas, quantitativamente e qualitativamente, também cria consumidores abundantes sem a capacidade de consumir. A produção ilimitada e a pouca oportunidade de realização das mercadorias, tudo é gestado pelas contradições inerentes das mesmas dinâmicas do capitalismo.

Para que o processo de acumulação ocorra é necessário que seja produzido uma quantidade crescente de meios de produção e que a oferta da força de trabalho seja ampliada, isso é visto quando elaboramos sobre a lei da queda tendencial da taxa de lucro, que com um aumento da composição orgânica do capital, está em constante ampliação do seu capital constante, o que cria o exército industrial de reserva, ou seja, ampliação da força de trabalho. Isso induziria a um aumento constante de bens de consumo e demonstra a característica de expandir ilimitadamente sua produção. Porém as leis que levam a essa expansão ilimitada são as mesmas que produzem barreiras para que os consumidores satisfaçam suas necessidades.

As leis tendenciais do capital o levam a restringir o consumo, quando tratamos de mais-valia relativa e mais-valia extraordinária ficou claro que a taxa de mais-valia é característica do sistema, isso faz com que a parcela referente aos salários vá diminuindo ao longo do tempo. Assim o que é referente ao consumo dos trabalhadores para os rendimentos dos capitalistas é tendencialmente cada vez menor. Com o aumento da composição orgânica há um decréscimo relativo da parte que gera renda dos trabalhadores, e gera um aumento produtivo no setor que faz os bens consumo que são determinantes no valor do salário, restringindo ainda mais o consumo da classe trabalhadora

A crise é contraste entre o caráter social da produção com a apropriação privada da riqueza. Surge da divergência entre essas duas faces, é a divergência das condições de produção e as condições de realização. Carcanholo em seu trabalho, denota que essa é a contradição que engloba todas as contradições, valor e valor de uso, da produção e consumo, do aumento do capital constante que resulta em menor participação da força de trabalho, da desproporção dos departamentos e a própria anarquia da produção. Portanto como a crise é desdobrada dessas contradições, podemos concluir que essa contradição fundamental é a causa das crises.

Dada essa condição as crises são fundamento do sistema, são gestadas a partir das próprias leis que regem a produção capitalistas e das condições que determinam sua existência e modo de se reproduzir. Com isso o estudo das crises econômicas se torna um imperativo constante já que mesmo entendendo sua causa, a forma da qual uma crise pode se manifestar é diversificada, primeiro não se deve confundir a forma com a causa, e segundo, avaliar as potencialidades de manifestação em forma dessa crise, já que, assim como o modo de produção capitalista se adaptou aos novos paradigmas que a história colocou frente a esse modo de produção, a própria crise tem a potencialidade de ser manifestada de forma diferente a partir do desenvolvimento deste modo de produção.

## REFERENCIAS

ALMEIDA, Lucas Milanez de Lima; RIBEIRO, Nelson Rosas. **Valor e Gestão da Produção: contribuições marxianas para a compreensão da busca pela eficiência produtiva**. Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política Edição nº 42. Niterói, 2015

CARCANHOLO, Marcelo Dias. **Causa e Formas de Manifestação da Crise: Uma Interpretação do Debate Marxista**. Dissertação de Mestrado. UFF. Rio de Janeiro. 1996.

COGGIOLA, Osvaldo. **Capitalismo: Origens e Dinâmica Histórica**. São Paulo. 2014.

HARVEY, D. **Os Limites do Capital**. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: Boitempo, 2013.

MANDEL, Ernest. **A Formação do Pensamento Econômico de Karl Marx: de 1843 até a redação de O Capital**. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1968

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Reviews from the *Neue Rheinische Zeitung Revue-Politisch-ökonomische Revue*: Issue No. 5-6; Review, May-October 1850**. Tradução: Progress Publishers, Hamburgo e Nova Iorque, 1850

MARX, Karl. **Grundrisse - Manuscritos econômicos de 1857-1858: Esboços da crítica da economia política**. Tradução: Maria Duayer e Nélío Shneider. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da economia política - Livro I: O processo de produção do capital**. Tradução Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da economia política – Livro II: O Processo de Circulação do capital**. Tradução: Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2014.

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da economia política – Livro III: O Processo Global da Produção Capitalista**. Tradução: Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2017.



NETTO, Jose Paulo; BRAZ, Marcelo. **Economia política: uma introdução crítica**. São Paulo: Cortez, 2006.

NETTO, José Paulo. **Introdução ao estudo do método de Marx** / José Paulo Netto. - 1 ed. - São Paulo: Expressão Popular, 2011.

RIBEIRO, Nelson Rosas. **A Acumulação do Capital no Brasil: Expansão e Crise**. Dissertação apresentada no Instituto Superior de Economia para a obtenção do Grau de Doutor em Economia. **Parte II: As Crises no Capitalismo: Uma Visão Marxista**. Lisboa. Dezembro, 1988.